

5/3/1936

CINE-JORNAL

ANO I - N.º 29 — 4 DE MAIO DE 1936

DIRECTOR: FERNANDO FRAGOSO

16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



*Barbara
Pepper*
**

NESTE NÚMERO: O que será «Produção n.º 6», o novo filme de Charlot



Um cortoz russo de réclamo aos desenhos coloridos de Disney



Poullette Godard e Charlot assistem à estreia de «Tempos Modernos». Ao meio, o mãe de Poullette.



Hermes Pan, professor de bailados do R. K. O-Rádio com Maria Da Forest, uma das suas melhores discípulas



Uma imagem de «Volsas do Nevo»

Depois de «Tempos Modernos»... O que será «Produção n.º 6», o novo filme de Charlot?

CHARLOT é sempre um enigma. Age geralmente género caixa de surpresas. Nunca se sabe o que tem para fazer, porque muitas vezes é próprio o ignora. Está meses sem trabalhar mas, de repente, o seu estúdio anima-se.

Porém, sem pressa. Para Charlot este factor não existe. Amadurece primeiro as ideias, constrói mentalmente os seus planos, reboea-os, acrescenta-os ou destrói-os, sem que os que o rodeiam dêem-se aperceberam sequer.

Arquitectada a obra, Charlot dá o sinal de largar, isto é, o sinal para as primeiras voltas de manivela. Não se julga todavia que a filmagem se sucede em ritmo acelerado. Não. Tudo se faz sem precipitação, na calma.

Charlot é dominado pela arte e não pelo lucro. Além disso, dispõe de meios. Pode, portanto, levar anos a filmar uma produção.

São já conhecidos os seus processos de trabalho, às vezes sem fim que obriga os que filmam com ele a voltar ao princípio, a repetir, demolir até o já feito, porque lhe não agrada ou pensa que não traduz fielmente a sua vibração artística.

Horroriza-se com a ideia de que o público não aprenda imediatamente o pensamento que presidiu a esta ou aquela cena. Assim, a passagem de «Luzes da cidade» em que a pequena florista recebe uma flor de Charlot, convencida de que foi um senhor milionário que entra para o automóvel e bate com a portinhola, que lhe entregou, deu um trabalho indescritível.

Charlot queria que o espectador compreendesse imediatamente o equívoco, a consternação que se apodera do pobre vadio e a sua sensação de miséria. Na sua opinião, se não alcançasse do público todas aquelas deduções a um tempo, estava tudo perdido.

Contribui para esta vontade tenaz de colocar o espectador perante uma produção clara e nítida em que a especulação seja nula e os factos tratados com firmeza, a particularidade dos filmes de Charlot não serem falados. Tudo tem de ser explicado pelo gesto e pela expressão.

De resto, Charlot já declarou que já mais falaria. São dele estas palavras: «Quando usar o meu fato tradicional — chapéu de côco e bengala — não farei. Se falasse, teria de modificar completamente a minha maneira de andar. Em resumo, no meu papel habitual, não posso falar. A palavra reduziria ao nada vinte anos de trabalho que dispendi para criar «um tipo». No filme «falado» seria obrigado a criar o «tipo» dum americano, dum francês, dum inglês ou de qualquer outro representante duma nação. E o meu «tipo» habitual cessaria assim de ser universal, compreensível a todos os espectadores do mundo».

Porém, os factos parecem querer contradizer as declarações do genial artista. Conquanto, em S. Francisco, tivesse solenemente afirmado aos jornalistas que «Tempos Modernos» seria o seu último filme e que não voltaria mais à tela, há quem garanta que ele prepara outro: «Produção n.º 6».

Embora rodeada, como de costume, dum segrêdo quasi faraônico, sabe-se já que a acção se passa em 1917 e Charlot interpretará o comparsa dum filme americano açêrcia da descoberta do ouro na Califórnia.

Graças a um acaso feliz, Charlot, vive do que ganha como figurante cinematográfico, descobre uma autêntica mina de ouro que o enriquece num abrir e fechar de olhos. E o insignificante «extras» torna-se num dos mais importantes magnatas da produção cinematográfica americana.

Vinte anos depois, o antigo figurante, reflecto de milhões e homenageado por todos, constata que ninguém o ama sem lhe apalpar a carteira. Essa ideia tortura-o. Mas o seu desgosto termina com a aparição duma provinciana — Poullette Godard — que vem pedir trabalho ao estúdio de que Charlot é proprietário.

Este, apaixonado. Contudo, decide conquistá-la como se fosse um sem eira nem beira. Aísta-se então no exército dos «extras» e confunde-se com a multidão anónima.

A pequena mostra-se insensível aos protestos de amor de Charlot, considera-o como uma pessoa sem importância, e ri-se dele. Todavia, esta aventura proporciona ao riquíssimo produtor o conhecimento directo dum câncro da sociedade hollywoodense: as caves da cidade, onde a miséria mais horrível caminha a par das doenças mais repulsivas.

O filme torna-se assim numa condenação implacável dos magnatas do cinema americano cujo luxo é, no entender de Charlot, uma afronta aos que nada possuem. A visão de tanta tristeza, de tanta amargura oculta, provoca-lhe um desequilíbrio espiritual, uma sensação de nojo e de náusea. E a sua empresa, sem ter quem a dirija, quebra.

E «Produção n.º 6», termina, mostrando o ex-milionário, sem um centavo, deixando Hollywood para sempre.

Charlot, pela primeira vez, falaria num filme. Ouviremos a sua voz em pmo inglês. Será Sinclair Lewis, prémio Nobel de literatura, quem redigirá os diálogos.

Eis uma notícia que, se a muitos vai agradar, a muitos outros lançará no desespero e, entre estes, os inabaláveis partidários do cinema mudo, que ainda os há.

OPERADOR N.º 13

O grande baile da «Radio Sonora»

Nos salões do Grémio Lirico Português, realiza-se a 16 de Maio um grandioso festival que é promovido por António Feio e Silvestre Silva, directores das seções Artísticas da C T I A N, Rádio Sonora.

Aquele sarau, dado o carinho que os seus organizadores lhe têm dispensado, deverá ser uma autêntica parada do mundanismo Lisboaeta.

Bastas surpresas têm sido preparadas para essa memorável noite de encanto e de sonho...

Num dos intervalos do baile, poderão apreciar alguns momentos de arte, onde os artistas D. Dina Teresa, D. Maria Amélia, D. Maria Bénard, D. Maria Brazão, D. Maria Paula, D. Rosa Maria, os bailarinos Cressy e Janou com um grupo de discípulas, Cardoso Pessoa, o compositor João Mateus Júnior e muitos mais, farão notas do seu fulgu-

rente talento, assim como o brilhante quarteto do Café Chiado que, por gentil deferência para com os organizadores de tão grandioso festival, irá executar uma peça clássica do seu escolhido repertório de concerto.

Cine-Jornal prepara uma distribuição de lindas fotografias, que causarão o entusiasmo da selecta assistência.

No próximo número de Cine-Jornal, daremos pormenores definitivos desta festa esufisante de mocidade e onde se farão representar as figuras mais escolhidas da nossa sociedade e da arte portuguesa.

Os poucos bilhetes que restam podem ser requisitados no Rádio Sonora, R. Moraes Soares, 88, 1.º, Telefone 4 5398; na Chapelaria Valente de Almeida, R. da Prata, 156; no Palácio Azul, R. do Ouro, ou, ainda, no Grémio Lirico Português, Palácio Palmela, ao Calhariz.



Rosa Maria a vedeta de «Maria do Mar», vai re- parecer no teatro

NÃO esqueceram ainda o tempo em que no nosso país se brincava aos filmes.

De vez em quando surgia um grupo de senhores, armado de megafones, câmaras, tripes e doutros acessórios similares, mas, desgraçadamente, desprovido de ideias e dinheiro, que se dispunha a fazer uma fita. O capital, na maioria dos casos, rual chegava para comprar filme virgem, e a concepção emérgica desses cineastas era bastante restrita.

Após a planificação da obra ter nascido de dois ou tres curiosos, apregoa-se com arrepiante descaero a realização dum filme nacional, descobriam-se estrelas que soubessem esbracejar e guias que usassem melenas caídas...

Ao cabo de longos meses de espera, a «super-produção» passava num dos cinemas do capital, onde o povinho acorria em massa, ansioso de ver o desponível do cinema português.

Felizmente, o publico, numa rajada de indignação, foi unânime em afirmar que Portugal era terra de poetas e não de cineastas!

E quando o câos cinematográfico mais amador se tornava, eis que surge Leitão de Barros!

O seu primeiro filme, de grande meragem, um documentario extremamente curioso deixa-nos absortos, e obriga-nos a meditar pela vez primeira numa produção da nossa terra. Lisboa, relatando em imagens transbordantes de luz e fortemente fotogénicas, a vida bulgosa da capital dá-nos a esperança de estar em Leitão de Barros, uma certeza na nossa actividade fitmica.

O antigo pintor, não cessa os seus trabalhos. E, assim, atira-nos com o primeiro filme de categoria técnica e artística que se fez em Portugal: «Maria do Mar», indubitavelmente a unica produção muda de valor que se realizou entre nos.

O público já não amesquinha as fitas portuguesas. Para os cinefílos Leitão de Barros é um ídolo que se venera. Mas, agora, as suas homenagens e elogios vão para mais alguém.

Para uma rapariga bonita e simplória, interessante e talentosa, que ainda hoje acalenta o justo orgulho de ter sido a priueira estrela do cinema português. Rosa Maria, perturbou os corações dos rapazes, andou nas pastas dos estudantes, passeou pelos quartos bablionicamente hotwoodescos (passe o termo) da mocidade cinéfila, e é muito possível que, presentemente, a sua imagem fresca e bonita encime algumas

secretárias de trabalho, num preito da saúde.

Rosa Maria foi uma das grandes descobertas de Leitão de Barros. A sua figura de *Maria do Mar* que com tanto desvêlo levou para a tela, não se varreu facilmente da memória e, hoje, tanto tempo passado, ela ainda vive no espírito dos seus admiradores, que a não esqueceram. O nome de Rosa Maria, evoca-nos qualquer coisa de muito belo, que a rodeia duma simpatia infanda: ter sido a primeira rapariga que em Portugal soube representar para o cinema.

Há poucos dias, num encontro do acaso, tivemos ocasião de vê-la. Continua a ser uma mulher interessante, quasi bela, des preocupada e levemente sentimentalista.

Lembrámo-nos o seu tempo de estrêla. O seu pequeno triunfo no nosso país. Ela escutou-nos com recolhimento. Não interrompeu as nossas recordações. No final daquele pequeno colóquio, quando nos estendeu a sua mão fina, não pôde deixar de murmurar com voz magoadas:

— Meu caro, presentemente ninguém se lembra da Rosa Maria... O cinema lançou-me na vida da arte, para depois me abandonar. Agora pertenço ao teatro que é afinal o nosso grande amigo...

E lá se foi, no seu andar galante e desenvolto.

Demos-lhe razão! O cinema em Portugal tem feito bastas vítimas. A cena com ilusórias promessas à primeira carinha bonita com que depare; depois, na sua volubidade, depressa de aborrece. Tem, então, o Teatro, camarada velho e trôpego, que não hesita em tomar conta daquilo que o seu rival despreza.

Rosa Maria, vai reaparecer de novo na cena.

Que vocês, cinéfilos, não a esqueçam, abdicuem dos seus princípios, e a vão aplaudir ao Avenida, é o que vos pedimos.

Já que a *Maria do Mar* se lançou na arte pelo cinema, sejamos pródigos de espírito justo e patenteemos-lhe a nossa gratidão e saúde acarinhando a carreira dum novo valor que se afirma. E ela sentir-se-á feliz, ao saber, que, contrariamente às suas suposições, a rapaziada cinéfila ainda não esqueceu a Rosa Maria.

ANTÓNIO FEIO

REMBRANDT, NA TELA

A vida de Rembrandt, o célebre pintor flamengo, vai ser adaptada à tela, por Alexandre Korda, que se encarregará da realização desse filme para a London. Charles Laughton será o principal intérprete.



Ginger Rogers, Jeanne Gray, Betty Crable e Jov Hodges, numa graciosa cena de «Follow the fleet», o novo filme de Ginger e Fred Astaire

«Cine-Liberdade» O que faziam e o que Clark Gable e os seus papéis favoritos! eram em 1931?

Acaba de ser criado em França um cinema independente, cujo fim principal é promover a colaboração entre cineastas e espectadores. «Cine-Liberdade» organizará também projecções de obras inéditas e clássicas, conferências e manifestações a favor das liberdades da sétima arte.

Igualmente publicará um jornal, onde se debaterão todos os assuntos resumidos com a cinematografia, e no qual cotabaráo Germaine Duac, Jacques Feyder, Jean Renoir e Pierre Chenal, além de numerosos escritores.

A sede de «Cine-Liberdade», é em Paris, rua de Navarin, 12.

O que faziam os artistas, que hoje são célebres, em 1931? Quais eram as suas aspirações, há cinco anos para traz?

Eleanor Powell, tinha completado o seu curso de dez lições de sapateado, sob a direcção de Jack Donahue. Jean Parker era uma estudante aplicada, num colégio de Pasadena e procurava saber se devia incluir a álgebra ou a trigonometria, no curso que tinha tomado. Só dois anos depois, é que principiou a trabalhar no cinema.

Freddie Bartholomew, cinco anos atrás, preparava-se para ir para a escola. Wallace Beery voltava a afirmar o seu valor depois dum período de depressão, e Pete Smith procurava anúncios para jornais...

Mary Carlisle tinha acabado de se estreitar na tela como corista e Virginia Bruce estava em Nova York trabalhando nas revistas musicais do faecido Florenz Ziegfeld. June Knight era a primeira de Jack Holland, no seu «team» de dança.

Frances Langford preparava-se para deixar a sua casa na Florida pela primeira vez, para tentar a sorte em Nova York, como cantora do rádio. Betty Furness estava também em Nova York esposando como modelo comercial, e estudava ao mesmo tempo.

As vedetas da tela têm em regra um papel favorito. Mas Clark Gable é menos exigente na sua escolha.

Com efeito, Gable interpretou seis papéis que considera como os melhores da sua carreira cinematográfica.

— Qual foi o primeiro? perguntou-lhe recentemente, uma jornalista.

— Recordando todos os filmes em que apareci, encontro o meu primeiro papel favorito. Foi ao lado de Norma Shearer, em «Uma Alma Livre». Gostei imensamente desse papel porque interpretava um «vilão». E até hoje, continuo a não ter aversão pelos papéis de vilão.

— O segundo?

— «Terra Abrazadora»! Encarnava aí o papel dum homem rude. Foi o meu melhor, neste tipo de filmes.

— E o terceiro?

— O papel de médico de «Os Homens da blusa branca». Considero-o como o mais interessante de todos. Não era um vilão nem um galã cómico. Era qualquer coisa de sério. E um actor não se pode revelar se não interpretar, de vez em quando, papéis sérios.

— O quarto?...

— «...Uma noite aconteceu». Uma caracterização espantosa, a melhor, nesse género, dizem.

— Mas ainda não mencionou nenhum dos seus filmes mais recentes...

— ...Um momento. Estou respondendo a uma pergunta de cada vez. O meu papel de capitão em «Nos mares da China» impressionou-me como um dos favoritos. E... mais recentemente... o papel de Fletcher Christian, o revoltoso bumanitário, do «Mutiny on the Bounty» ficou gravado na minha memória. Nunca tentei interpretar um papel tão impulsivo e fiz por interpretá-lo o melhor que pude, porque vive como companheiros actores extraordinários como Charles Laughton, no papel do capitão Bligh, e Franchot Tone, no do aspirante Byam.

HARRY PIEL EM LISBOA

Causou a maior sensação a reportagem, que inserimos no nosso número transacto, sobre a próxima vinda de Harry Piel, a Lisboa. A data a que escrevemos, não há notícias ainda do embarque do artista, retido na Alemanha por filmagens que resolveu empreender, na impossibilidade de embarcar no «Madrid» (como mencionava).

Entretanto, confirmou-se inteiramente a sensacional notícia, que «Cine-Jornal» foi a única publicação a revelar!



No hora em que o «United Artists» passo por tão importantes remodelações, nos seus quadros directivos, parece-nos interessante evocar esse foto, onde aparecem os quatro primeiros fundadores daquela firma: Douglas Fairbanks, David W. Griffith, Mary Pickford e Charlie Chaplin — os «big four»



Alton Jones e Betty Furness — um hino, o alegria de viver e ao sol do Califórnia...

Variações sobre Joan Crawford

JOAN Crawford é uma «cerzeza». Tem um público seu que é afinal, a bem dizer, toda a gente que vai ao cinema, que logo acontece quando nos cartazes se desenha a figura-padrão da mulher moderna, esguia, flexível, ou apenas a cabeça, em que os olhos e a boca bastam para marcar toda a personalidade da esplêndida artista.

Ela é o grande cartaz dos filmes que interpreta, mesmo que sejam realizados por um Van Dyke.

Não deve haver no cinema americano actriz mais americana do que Joan Crawford. Habitámo-nos a ver nela a rapariga que vive nas grandes cidades da América, onde são mais as pessoas que as almas; a rapariga que, em busca de trabalho, atravessa as ruas de Nova-York, mais perigosas que florestas virgens, de feras à solta e cobras que rastejam ou se dependuram nas árvores com traçadores designios — extremos que se tocam.

É uma figura representativa, com efeito, esta da Joam, de boina posta na cabeça, o vestido tão simples que quase se masculiniza, o cabelo em revolta, o andar decidido para um destino que não reconhece.

Os olhos é que são só dela. Não irradiam luz, vida interior; reflectem, debram-se sobre o que passa, mas sem curiosidade, talvez mesmo sem esperança: grandes, abertos, lembram uma chapta fotográfica queimada por uma luz forte de mais. Como se tivesse havido uma imagem violenta, crua, um quadro da vida dum intensidade dolorosa, que tornasse esses olhos insensíveis aos meios tãos, aos pequenos nadas do dia a dia.

Ou talvez não. Pode ser que essa expressão de olhar traduza uma grande desilusão, a queda muito brusca dum sonho muito alto.

Referindo-nos a Joan Crawford falamos da mulher moderna — e já estamos arrependidos do aproveitamento.

Porque essa afirmação envolve a necessidade de definirmos o que se en-

tende por mulher moderna, e para sermos precisos, como contém a uma definição, acabaremos por confessar que não existe um determinado tipo de mulher moderna.

O mesmo estreito parentesco com Eva une a mulher de hoje à de ontem... Os costumes duma e doutra é que diferem a tal ponto que a própria configuração física sofreu mudança sensível. Como agora se fala da Venus de Milo, assim no ano 2000 será gubada a Venus de Hollywood.

A guerra e o desequilíbrio económico que se lhe seguiu, levaram a mulher à dura obrigação de conquistar o pão nosso de cada dia. E observando a mulher de hoje, fora do seu meio próprio — o lar — concluiremos pela quotidiana observação dos factos, que nem a mulher nem a sociedade estavam preparadas para este inesperado encontro.

* * *

Quando nos resolvemos a ir ver «Quero viver a vida», julgávamos que Van Dyke abordasse alguns aspectos deste tema, para chegar à conclusão filosófica que a vida há que ser vivida, quer se queira quer não.

É desde logo achámos muito acertada a escolha da Joan Crawford para protagonista, sabido como é que a sua vida tem sido por tema o título do filme em questão.

Afinal enganámo-nos. Van Dyke não quis armar em Von Stroheim e fugiu à crueldade de obrigar a Joan a representar a sua própria vida.

É foi melhor assim. Em lugar de pensamentos sombrios, o realizador buscou vezes nos fez sorrir com as costumadas «boulades» à sociedade elegante americana.

Só lamentamos que mais uma vez se tivessem esquecido que Joan Crawford sabe dançar primorosamente.

Parece que o «Turbilhão da dança» a deixou cansada.

A nós, não.

ANTÓNIO DE CARVALHO NUNES

Ecoss e Notícias

CASAMENTOS E DIVORCIOS

Casamentos.— Jean Parker e George Mac Donald casaram há dias. Ela é a vedeta de *Sequoia*. Ele é jornalista; Jack Oakie, que se gabava de ser 100% celibatário, desposou Venite Varden, uma esperança de Hollywood.

Divórcios.— Marion Gering, o realizador de *Mulame Butterfly*, foi repudiado, judicialmente, por sua mulher. E a actriz Helen Twelvetrees, pretextando que Frank Woody lhe entravava a carreira, requereu o divórcio.

MAIS VALE TARDE...

Edmund Lowe, o célebre artista que vimos tantas vezes, e que pela primeira vez se distinguiu, ao lado de Victor Mac Laglen no *Preço da Glória*, acaba de se casar. Tem 46 anos de idade e a vilina foi a escritora Rila Kangman.

A MULHER IDEAL

Clark Gable declarou, recentemente, que a mulher ideal seria uma síntese feliz de Jean Harlow, Virginia Bruce e Mirna Loy.

PELA BOCA MORRE O PEIXE...

O taciturno Gary Cooper, no seu próximo filme, tem 8 minutos ininterruptos de diálogo. A cena, difíceis, foi registada durante três dias e repetida 54 vezes!

Calcula-se que durante 4 ou 5 meses, Gary se limite a dizer *sim* e *não*.

EXITOS DE LIVRARIA

Um livro americano sobre Shirley Temple atingiu a bonita cifra de 3 milhões de exemplares. O último romance de Mãe West vai já no 2.000.º milhar!

NUMEROS IMPRESSIONANTES

Nos U. S. A., segundo as últimas estatísticas, há 18.508 salas, com 11 milhões de lugares.

FRED ASTAIRE VAI SER PAPÁ

Fred Astaire, o grande bailarino que vimos em *Roberta* e na *Alegre Divorciada*, vai ser papá — e aguarda ansiosamente esse momento solene da sua vida.

Henry Garot e Lilian Harvey, novamente

Lilian Harvey e Henry Garot vão interpretar um novo filme, que se intitulará *Lady Beware*. A primeira volta de manivela será dada no dia 1 do mês que vem.

Greta Garbo na Universidade

Afirma-se que Greta Garbo, quando regressar à América, em Outubro próximo, será recebida na South California University e será consagrada Doutora «honoris causa».

Greta Garbo, por ocasião da cerimónia, terá que fazer uma pequena conferência sobre um tema cultural, praxe essa a que não poderá fugir.

O CINEMA, EM ADDIS-ABEBA



O «Gleize», o mais importante cinema de Addis-Abbeba, onde se exibem os mais recentes películas de todo o mundo



FLORELLE

já chegou...

A Florelle está em Lisboa; a Florelle não vem já; a Florelle chegou; a Florelle mandou telegrama a dizer que, afinal, não vale a pena e que resolveu ter mais um ataque de laringite aguda. No fim de tudo isto a Florelle sempre veio.

Mas como veio e quando? A que horas chegou, que ninguém soube? Veio de automóvel, por Badajoz-Alentejo? Pelo Pôrto? Pelo «Suda»? Horas antes de se começar o espectáculo só se sabia de definitivo, um telegrama que estava estampado no alto da bilheteira e que dizia que tinha atravessado a fronteira francesa.

A respeito de estrêla, mais nada, nada e nada. Vimos geito, até, dos espectadores entrarem para o Teatro Politeama e a vedeta ainda não se encontrar em Lisboa. Mas o que tem de ser é muito forte. Florelle veio, chegou e não dizemos venceu, porque o extenuamento e a pressa da viagem, não lhe deixaram desamarrotar os vestidos completamente. Mas temos a esperança, que quando este artigo tiver saído, já os passou a ferro e nessa altura já também terá o público nas palminhas, como é costume.

Três artistas...

Odette Florelle é um nome parisiense, ousada e velhacamente parisiense. O seu *il* fala-nos de mundos extraordinários, cheios de Quartiers Latin, *trottoirs*, caixas de costureirinhas loiras a deslizarem pelo asfalto cheio de bruma e sob um céu côr de elumino. Não sei porquê quando o pronuncie, lembrame logo umas meias pretas e um

«can-can» desconcertante que a nossa artista dançava na «Atlântida», num café-concêrto ou coisa parecida.

Das três artistas de cartaz parisiense que ultimamente têm estado entre nós, Florelle deve ser das que têm por público, mais espectadores... *gavroches*. Estou a vê-los daqui, na geral dos teatros, lá em cima no galinheiro, acompanhando, com a alma, as valsas-javas da artista de melena loira — loira natural, como muito bem disse o Leopoldo Nunes na apresentação — com um lenço traçado ao calhar e matraqueando sempre o mesmo compasso num ritmo acanallado e popular. Damia, a grande, é a arte expressiva, intelectual, a arte dos seus olhos e da sua voz cheia de lágrimas, a quem basta, somente, um vestido de veludo negro, para fazer a celebridade dum «sombre dimanche», lúgubre, funéreo e fatalista.

Deve ser a artista predilecta dos poucos, dos melhores. Lucienne Boyer é o amor, em carne viva, cheio de tons delicados e de cambiantes, até, se for possível, cheio de luz indirecta; deve ser o ídolo máximo da Cidade da Luz, logo atrás da beijo-da do Chevalier. A sua arte é a arte de cartaz, arte de atracção, arte para ricos e pobres, muitos e poucos, que afinal percebem, sentem, vibram e sofrem, quando alguém lhe diz — *parlez-moi d'amour* — em melodia, em oração. Damia e Boyer são, porém, mais de teatro que de cinema. Florelle é, com certeza, mais de cinema do que de teatro. Alguém me diz, aqui ao lado, que a nossa artista, antes de se ter lançado em *Tumultes* (Traição), era já um enorme cartaz de teatro. No

entanto, nós só a conhecíamos através dos seus filmes, da sua inesquecível *Traição*, da *Culpa é do Bibi*, *Miseráveis* e tantos e tantos trabalhos, que mereceram a nossa simpatia.

Por ser realmente uma invulgaridade, um grito alarmante, a sua estadia entre a pacatez morna do nosso burgo, fomos fatar-lhe, saber coisas, enfim homenagear o seu nome, tanto como merecia fazer-lhe a obra-prima dum cartaz, como êsse que José Rocha fez para a sua exhibição. Perguntamo-la no Avenida Palace, o hotel clássico das celebridades; tinha, porém, já saído. No Politeama, não estava. Por portas travessas, soubemos que o contrato da artista lhe falava da sua actuação no «Arcadia», a civilizado «Arcadia». Lá fomos, e não nos enganámos. Amável, muito amavelmente simpática, irradiando boa disposição, por tôdas as ondas do seu cabelo, enfim — *enchanteé* — como ela nos disse que se encontrava.

Tinha vindo de automóvel até Vilar Formoso, com o seu marido, um afamado corredor profissional de automobilismo, mas que o receio de não poder chegar a tempo de trabalhar essa noite levou a transformarlhe os planos e... os jornalistas com as máquinas fotográficas em bolandas, ora em Cacilhas, ora na estação do Rossio, no officio horrível de caçadores de imagens.

Por nossa vez o caso correu de bem a melhor. Florelle, amavelmente se prestou a posar propositadamente para a nossa revista, na sua gentileza própria dum a celebridade que se preza em fazer selecções. Daqui lho agradecemos.

Florelle em pessoa

Falando lindamente um espanhol castigo como o provou depois ao público cantando um lindo tango argentino, e um francês como não ouvimos nunca a ninguém, melodioso, limbrado, a nossa artista estava interessando-se por tudo. Queria, à viva força, falar com o homem que corre o pano, porque da maneira como corresse o pano... correria o espectáculo. Com o homem dos reflectores a mesmíssima coisa. Pretendia ver o público, ver-lhe as caras, de modo que os focos incidissem sobre os espectadores e vibraria muito mais. Queria muitas mais coisas, como fossem flores, uma escada para descer à plateia, caso que não se deu, naturalmente por isso mesmo... por não haver escada. Tendo ainda um sentido e um fino tacto comercial, quando nos apparece com uma caixa de chapéus, «que não se importava de levar o leitreiro dum casa de Lisboa». De facto depois lá vimos qualquer coisa que os nossos olhos não deciframos.

Para nos dar atenção mudou-se de assunto. Disse-nos encantada com o nosso céu, o nosso sol, perguntando jovialmente se o nosso público era comunicativo e em tom brusco «se costumava... patear»... Os seus olhos azues encheram-se de ansiedade. O que quzeria dizer Florelle com aquilo? Tranquilizamo-la confiando na sua arte, no seu poder de atracção simples, despretençioso e que afinal a sua celebridade não fosse em vão.

Um caso de espionagem...

Havia, porém, um caso que nos atordoava tôdas as perguntas, que se punha à frente, atrapalhando-as. Tíhamos lido numa revista francesa qualquer, um caso complicado, a história duns documentos de espionagem, em que a artista estivera ou andara envolvida. Duas ou três vezes estívimos vai não vai para... mas o receio de melindrar. A curiosidade era, porém, superior e, às tantas, desfechá-mos-lhe a queima-roupa o assunto. Que não, que não lhe falasse ou recordasse isso, por Deus. Estava no início da sua carreira e parecia-lhe que tinha sido o fim da sua vida. Tomara por acaso, um dia, um taxi, como é naturalíssimo para toda a gente. Mas, nesse mesmo taxi, encontrara uns papéis que fora entre-

gar à policia. Fôra o cabo do Mundo. Tratava-se dum plano ou rede de espionagem húngara, em que ela sem querer se vira envolvida. Era no principio da sua carreira, como já disse, e isso deralhe uma enorme publicidade, mas que boamente a teria dispensado. Vira-se e desejara-se para se conseguir desenvençillar de semelhantes equívocos. Dias seguidos, tinha sido convidada a ser ouvida e mais com êste e mais com aquele, em acareações, em interrogatórios que ela não desejara, nem ao seu pior inimigo.

Foi, afinal, a maior publicidade que lhe fizeram e sem custar um franco sequer — e a que porém mais cara lhe tinha custado, para o seu sossego, para o seu espirito.

Projectos futuros

Muitos. Estará agora, aqui, no Politeama e depois no Arcadia. Depois iria ao Pôrto, cantar ao Rivoli. Gostaria imenso de agradar, de fazer furor entre o *public portugals*. Depois muitas coisas, de que ainda não tinha bem a certeza. O artista é assim mesmo, quasi improvisador. Contratos tinha-os em barba e assinados. As coisas, os projectos, como a arte, adora-os e cultiva-os subconscientemente. Doutra maneira, não se comprehenderia que um artista fosse artista.

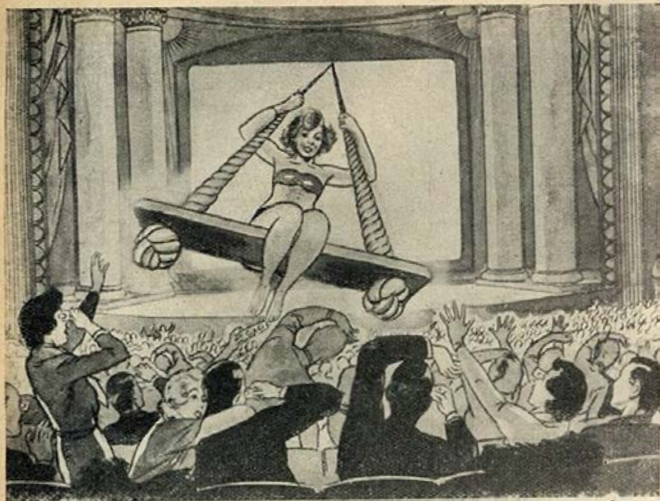
Florelle, em Lisboa

Sente-se satisfeita, muito satisfeita mesmo, com a capital que se preza de ser civilizada não só de nome mas sim de prestigiosa escala, que já são obrigados a fazer os que para universalizar um nome têm por essencial percorrer certo e determinado perimetro. Tivemos Milton Damia, Lucienne Boyer, Garal, Niola Iniook e agora Odette Florelle. Vamos ter em breve Tomaz Alcaide, com a categoria de espectáculo de grande classe. Faltam-nos, porém, muitos nomes, mesmo muitos. Teremos imenso gosto em ver em carne e osso a Josefina Baker, Cecile Sorel, Ludmila Pitoeff, Lilian Harvey, a Anabella, Serge Lifar e tantos outros que não são só cartazes mas também artistas. Vamos, senhores empresarios! Não percam a coragem! O publico, como vêem, não os abandona, quando os cartazes são verdadeiros.

TELMO FELGUEIRAS



Florelle, surpreendido no «hall» do hotel



interessante: a da «girl» que se baloiça. O público tem a sensação nítida que a linda mulher que, em trajos menores, se baloiça languidamente, passa «sobre a sua cabeça», quando se aproxima ao máximo no sentido da plateia. E tem uma graça infinita ver o público a acompanhar, com deslocções da cabeça, a bela que «parece» estar sobre si e que afinal não sai da tela...

Notável, acima de tudo, a perfeição técnica das imagens que parecem saltar da tela, até junto de nós. Audioscópicos são os velhos anaglifes, actualizados, remoçados, beneficiados com o som. Além disso, a técnica do registo de imagens e da cor progridem— e o filme lucra com o facto.



A N A G L I F I E S

Paris, Abril de 1936.— Acaba de se estrear, nesta cidade, com um êxito formidável, a nova atracção Audioscópicos, um dos filmes de pequena metragem que foi candidato, da sua categoria, ao prémio da Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood.

Foi o *Olympia* que revelou ao público parisiense este novo filme em *relievo*, que não é mais do que um aperfeiçoamento, aliás felicíssimo, dos velhos «anaglifes» de «Lumière», que em tempos, toscamente, se exibiram em Lisboa, com um êxito louco!

O aperfeiçoamento da cor, o som (sivelmente aplicado)—permittiram obter efeitos verdadeiramente assombrosos, que despertaram a mais franca hilaridade na plateia.



O cinema *em relievo* é uma realidade, pois — mas não pode passar, por este processo, de mera curiosidade. Não profunda os planos, não nos dá o efeito do *stereoscópio*. Dá-nos apenas a terceira dimensão, explorada de forma hábil. Mas nem por isso tem menos interesse! E a ovação com que o público do *Olympia* dispensou ao filme, no final da sua exibição, prova à evidência o agrado que despertou em todos os sectores. Pode discutir-se, decerto. Mas ninguém se pode furtar à impressão curiosíssima que êle desperta, aos efeitos cómicos que êle explora — e que resultam, cem por cento!

Paris, Abril de 1936.

MARIA CLARA

A U D I O S C O P I C O S



Há, por exemplo, um jogador de «base ball», que lança uma bola fortemente, de frente para nós. E o espectador vê, nitidamente, com um *realismo que não deixa dúvidas*, a bola avançar na direcção da sua cabeça. Instintivamente, põe a mão à frente dos olhos para se proteger da pancada. O que descrevemos, sucede com a totalidade dos espectadores. E se o espectáculo da tela tem um interesse formidável o da sala, em delírio, não é menos pitoresco... O que acontece com o jogador de «base-ball» acontece com o homem que esguicha a sala munido dum sifão, com o tocador de trombone de varas. Pelos *cróquis* que envio, facilmente ajuizarão do efeito, aliás valorizado pelo som.

Há uma imagem particularmente in-



OLHEM para ela! Embora seja Faye de nome — é linda como os amores. Platinada, como a Jean Harlow, tem uns olhos de endoidecer. O corpo, de linhas harmoniosas, é uma sinfonia ardente — e seria a mais perigosa das *vamps* se não fosse, como é, a mais deliciosa das ingénuas.

Tem uma história engraçada, esta Alice Faye, cuja face expressiva ilumina estas páginas.

Faz, amanhã, 5 de Maio, precisamente, 23 anos de idade. Era uma criança, quando, pela primeira vez, quis tentar a sorte no palco — um dos sonhos comuns a todas as raparigas da sua idade na livre América. Uma timidez paradoxal, tão grande como a sua decidida vontade vencer, impedia-a, porém, de dar os passos necessários para o seu completo triunfo.

Sabia cantar, como uma colovia numa manhã de Abril. Dançava, com a graça duma bailarina grega, enamorada do mar, ao som das ondas, da sua canção eterna. E, no entanto, tinha um acanhamento inexplicável de se exibir, de demonstrar as suas habilidades.

Ruddy Vallée, o célebre cantor da rádio, aparece, então, sem a conhecer, nesta altura da sua vida, como o homem a quem deve a sua carreira — o seu

triunfo! Porque Ruddy tinha um advogado que era íntimo da família Faye, e que convenceu a tímida Alice a gravar um disco, para levar a sua voz até Ruddy, que prometera ser um crítico tão imparcial como implacável... Alice pôs no gramofone aqueles discos pequenos, para gravações familiares — e o êxito foi completo.

A rádio veio ao encontro do problema que, nessa altura, preocupava a linda Alice Faye! Com efeito, ao microfone, Alice pôde cantar para um auditório numeroso — *que não a via*. E a timidez da jóvem artista, desta forma, não era afectada...

Depressa a perdeu! Hoje ri-se das tristes figuras que fez. De tímida que era, fez-se audaciosa. E, hoje, diz-se, tem feito côrar muitos rapazinhos...

Algum tempo depois da sua estreia radiofónica, tentava o palco. E do palco à tela — um passo foi.

Quando se evoca, assim, a carreira duma artista parece tudo fácil, tudo natural e corrente! No entanto, sabe Deus quanto ela teve que trabalhar, quantas dificuldades teve que vencer. A seu lado, porém, Ruddy Vallée, o ídolo da América, não a deixou sucumbir, um instante sequer.

Foi ele que a levou para a tela, dando-lhe o principal papel de *Manequins*

Alice



faye



Uma "faye" bonita!

de Nova-York, justamente no momento que Robert T. Kane e George Whelan Sullivan procuravam uma estrela para este filme.

Mais tarde, interpretou outros filmes como *Noites de Nova-York*, com Spencer Tracy e Helen Twelvetrees; *Man of Galani*, com Kelly Gallian e Spencer Tracy, etc.

Não ficaria completa esta ligeira biografia se não nos referíssemos a certas particularidades de Alice Faye, que tornaram numa personalidade inconfundível no mundo da Cinelândia.

O seu tipo é curioso e invulgar. O seu rosto é quase branco. A pele, nivea, desce a jaspes. Os olhos, já dissemos, são azuis, cerúleos, fatais. Alice Faye não é uma *magra-estilizada*, mas sim uma mulher bem proporcionada, levemente cheia — encantadora!

Veste-se com suprema elegância. Não fuma e tem um grande orgulho em não fazer rendas de bilros... Diz que acha mais divertido bordar — do que fumar...

É instruída, como poucas. O seu livro favorito é *Mother's Cry*, um dos maiores êxitos do romance contemporâneo.

A literatura tenta-a, de vez em quando. É poetisa, mas não gosta que ninguém a conheça, sob esse aspecto. Escreve poesias para si — e não para imprimir, aos outros, em livros mais ou menos bem apresentados, como é pecha laticina.

Enfim, Alice Faye é uma rapariga cantadora, na vida privada; uma artista de apreciáveis méritos, na tela — um regalo para os nossos olhos, este onde estiver, esteja como estiver...

MÁRIO AUGUSTO



Um belo dia a mãzinha levou-me a um sítio que eu nunca tinha visto. Havia grandes máquinas, uma rede inextricável de cabos, lâmpadas enormes e fazia um calor de morrer. Disseram-me: «Shirley faça isto, assim, aquilo». No fim deste suplício um senhor atirou-me um O. K. sonoro e partimos.

Então a mãzinha explicou-me que iam inventar histórias muito lindas para mim e que eu, em lugar de as contar e representar para as bonecas, teria que as contar e representar naquela casa e para aqueles senhores. Fiquei um bocado atrapalhada porque se estava segura de interessar as minhas bonecas, não estava nada convencida de interessar os senhores.



A primeira história que interpretei chamava-se *Sejamos optimistas* e a segunda *Little Miss Marker*. Dizia então: — Mas eu não me chamo Miss Marker. O meu nome é Shirley Temple. Sou, quando muito, a Miss Temple. — É para um filme, explicavam-me. Tinha a certeza de que me chamava Shirley e não fazia a menor ideia do que fosse um filme.

Depois interpretei *Shirley, a garota endiabrada* e outros filmes. Os meus pais, nestas histórias complicadas, nunca apareciam como boas pessoas. Não estava contente por ter a fingir uns pais assim tão feios. Mas, depois, representei o meu papel numa história linda: *Shirley, aviadora*. Tinham-me arranjado um lindo casaco de coiro para andar de avião, como se fosse

um pessoa crescida. Com o meu amigo James Dunn não tinha medo de espécie alguma. Havia uma coisa de que não gostava nesta história. Ficar sem pai nem mãe. Às vezes julgava que era verdade, e ficava radiante quando via a mãzinha chegar ao estúdio.

Parece-me que já vou ao estúdio há muito tempo. Sinto-me quasi uma senhora. Sou procuradíssima nos intervalos das filmagens, por pessoas que desconheço. Mas agora, quando vejo um homem ou uma mulher, de papel e caneta em punho, já sei — são jornalistas. Fazem-me perguntas embaraçosas e dirigem-se sempre nos mesmos termos: «Diga-me Miss Temple...» ou «Diga-me, menina Shirley». Respondo-lhes como sei e como posso, mas nem sempre os compreendo. Nessa altura, o jornalista pergunta então à mãzinha:

— O que me diz, Mistress Temple? — E a mãzinha conta então coisas, que eu não sei que interesse possam ter.

Um dia, uma senhora veio ter comigo, com um album, cheio de bonecos e de garatuñas. E declarou:

— Vê, Miss Temple?! Estas são as respostas de Jean Harlow. Aquelas, as de Mirna Loy. Estas são as de Ruby Keeler, Mãe West e Kay Francis. Responda-me, por favor.

— Pois sim, minha senhora.

— Qual é a marca do seu carro?

— Não tenho carro, tenho uma *tro-linette*...

— Que número de sapatos calça?

— A mãzinha é que sabe...

— De que é que gosta mais?

— Da mãzinha.

— Não! De comer?...

— ...Gelados.

— O que a maçã mais?

— Escrever o meu nome sobre fotografias ou fôlhas de papel e responder a senhoras que...

A mãzinha, que estava a meu lado, interrompeu-me:

— O que é isso, Shirley...

A dama, imperturbável, continuou:

— *In what are you sleeping?*

— Na cama.

A mãzinha e a senhora desataram a rir.

— Não dorme numa cama, minha senhora?

— Decerto, Miss Temple. Mas eu queria saber se dorme com pijama ou camisa de noite.

— Oh! Durmo com aquilo que a mãzinha me veste.

E aqui têm, meus queridos leitores, o meu pesadelo: as senhoras curiosas.

Mas isto ainda não é tudo. Já vos contei os primeiros passos da minha vida — o resto ficará para depois.

SHIRLEY TEMPLE



A CORDEI há bocadinho, mas não me mexo, porque ninguém me chamou ainda. Entretanto divertio-me com uma brincadeira muito engraçada: fecho os olhos com muita força e vejo círculos amarelos, círculos negros, círculos avermelhados, que se deslocam, e depois muitos pontos brilhantes que parecem estrelas. Experimentem isto que é muito engraçado, porque quando abrimos os olhos não sabemos bem onde estamos, chegamos a ter um bocado de medo do que vai suceder.

A mãzinha abre a porta e diz: — Shirley! São horas de te levantar. Vamos ao estúdio hoje.

Olho para a porta e lá está a mãzinha a sorrir. Como é bonita. E está sempre contente. Do meu quarto, oiço o paizinho a fazer a *toilette* na casa de banho. Oiço o harulho das torneiras que ele abre, a água do duche que cai como a da mangueira com que regamos a relva no quintal, as portas dos armários que se abrem e se fecham.

Quando oiço o paizinho poisar a navalha no «étágeres» de vidro, já sei que daí a bocado ele desce. Levanto-me então à pressa para o beijar. E o paizinho diz:

— Hoje vais-te portar com juízo, Shirley?

Tôdas as pessoas grandes têm a mania de dizer às crianças que se portem com juízo. Em casa, dizem-me: «Tem juízo, Shirley». No estúdio: «Tem juízo, Shirley». À mesa: «Porta-te bem, Shirley». As pessoas grandes portam-se sempre bem?

O paizinho vai todos os dias para o Banco. A mãzinha vai para o estúdio comigo. Gosto muito de ir para lá. Quando era pequena, ia a uma linda escola em Santa Mónica. A mãzinha diz que foi aí que nasci. Passava os dias a brincar com os outros miúdos, depois cantávamos e ouviamos histórias. De tudo o que gostava mais era das histórias, que contava depois às minhas bonecas, quando voltava a casa. Havia lá um senhor, chamado Ben Bard. Era professor dos alunos mais crescidos, mas gostava muito de mim. E, assim, deu-me lições de ginástica e de canto, que eu apreciei muitíssimo.

A mãzinha, a certa altura, entendeu que eu devia entrar para uma escola de dança. Aprendi lá a sapatear e parece que não fazia aquilo mal de todo porque, logo no primeiro ano, entrei numa festa. Estava com um lindo vestido branco e cantei e dancei *The big bad wolf*, uma canção que tôdas as meninas na América, cantam desde pequenas.



O TREVO DE QUATRO FOLHAS

ESTA, por dias, a estreia de «O Trevo de 4 Folhas». Dentro em breve, a tela do Tivoli iluminar-se-á com as imagens dum novo filme português, que todos aguardam com ansiedade, exacerbada pelas demoras que têm retardado a sua apresentação. A estreia dum filme nacional é sempre um acontecimento. No caso presente, mais do que nunca, porque se igno-

ram, em absoluto os pormenores da história, sua localização, etc.

Pelas imagens, que damos acima, pela sua «maneira», pelas figuras que os animam — facilmente se reconhece estarmos em presença dum filme tipicamente português, feito com nova orientação, sem explorar só o baírrista ou o nacionalista, mas sem prejuizo, desta última característica, tentando mais largos

voós, dando ao filme ambiente e classe internacional.

«O Trevo de 4 Folhas», que os cinéfilos portugueses vão ver dentro em breve decorre num «clima» risonho, que vai dos domínios da farsa aos da comédia sentimental, do motivo desportivo ao grandioso — numa multiplicidade de aspectos, que o vão consagrar, por certo, como um verda-

deiro triunfo cinematográfico nacional.

Beatriz, Mafalda, Nascimento, Procopio e Maria Castelar — tudo astros de primeira grandeza vão ser a alma do filme, como são já figuras de excepcional relêvo, no palco e nas telas portuguesas.

E enquanto não vëem o filme, contentem-se com as fotos que ilustram esta página!

Jimmy Durante



ca que êle dimana constantemente, a sua sôbre-excitação perpétua.

E, num instante, Hollywood atraiu-o: Vim-lo no *Presidente Fantasma*, em *Amor e Cervejas*, e no *Inferno Submarino*, em *Georges White's Scandals*, em *Hollywood em Festa*, etc., etc.

* * *

Continua a tocar piano, por prazer. As vezes, pedem-lhe que recorde os seus antigos números. Jimmy não se faz rogado. Lembra-se ainda que ao teclado deve a sua carreira e que foi ao piano que, pela primeira vez, o público se habituou a vêr o seu enorme nariz, as suas facécias, a sua inquietação.

Jimmy Durante é um excelente camarada. Todos apreciam a sua simplicidade, a sua alegria e a sua lhança. Prega partidas a toda a gente, mas sem maldade. E as «vítimas» são as primeiras a achar-lhe graça.

Vingam-se, aliás, cruelmente, porque Jimmy é esquecidíssimo e a pessoa menos «prevista», que se possa encontrar... Assim, apresentam-lhe constantemente desconhecidos, como se fossem pessoas que êle já conhecesse e o pobre Jimmy vê-se em palpos de aranha, para adivinhar quem tem na sua frente!

Dizem que tem uma paixão louca pela Greta Garbo. E parece ser tão sinceramente sentida, que ninguém se atreve a falar-lhe em tal...

E aqui tem Jimmy Durante — tal como é!

LISE MARTIN

JIMMY Durante é aquele actor frenético que vimos no *Presidente Fantasma*, em *Hollywood em Festa* e em muitos outros filmes e que concluiu, há pouco, com Lupe Vez, *the Great Schnozzle*, até certo ponto a sua biografia, porque «Schnozzle» (Narigudo) não é outro senão o próprio artista.

Avaliem, pelo que é hoje, o que seria de um bebé. Evoquem-no com o seu enorme nariz, a boca sempre aberta, e os olhos espantados. Que lindo havia de ser!

Nêsse tempo, claro, não cantava nem apresentava. Mas logo que foi crescendo, quando começou a romper calções, e a rebentar com as biqueiras das botas — tratou logo de ensaiar umas partes à sua maneira — para me servir da pitoresca linguagem dos miúdos da sua idade.

gueses ausentes — pintava a manta, como soe dizer-se...

E os fregueses, que aguardavam a vez, riam-se como perdidos. E assim, quando o rapaz, não estava na loja, choviam as reclamações da freguesia:

— Onde estava o Jimmy... Sem o Jimmy, não faço a barba — e, assim por diante!

Houve que recorrer a um estratagem — para o agarrar.

Um vizinho marceneiro, fêz-lhe uma cadeira alta, com rodas, e o pequeno endiabrado, daí em diante, teve por missão ensaboar a cara dos fregueses que seu pai cuidadosamente barbeava.

Recebia, assim, alguns cêntimos, que economizava ferozmente, procurava renovar, dia a dia, as graças e anedotas, para contar aos fregueses, — e preparava-se, desta forma, lenta e inconscientemente, para a carreira em que se devia celebrar.

Quando festejou os 3 anos, sua mãe mandou-o ensinar música. Tinha excepcional vocação e especializou-se a tocar peças difíceis, com uma velocidade monecebível.

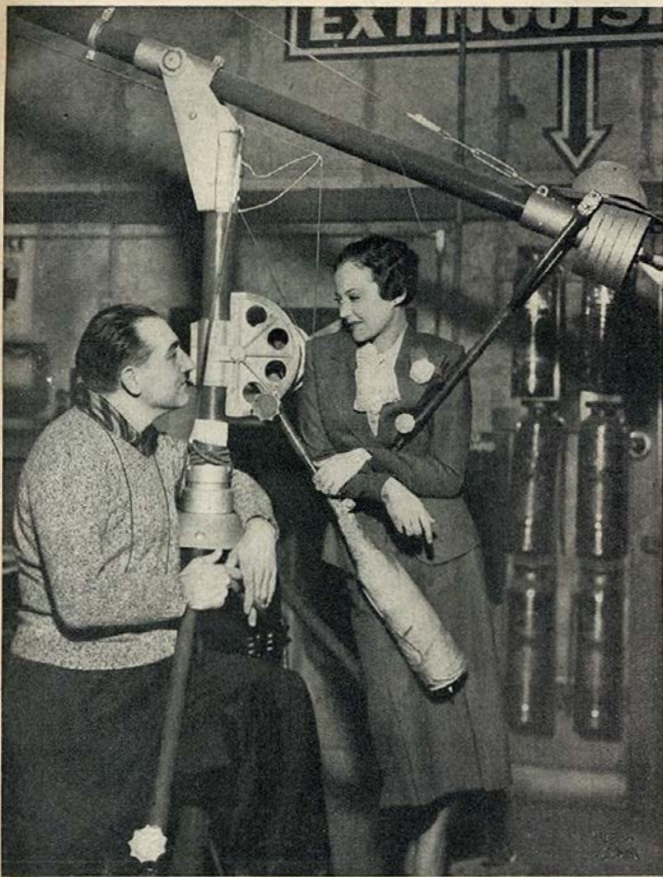
Foi graças aos seus conhecimentos musicais e até à sua técnica pianística que obteve um contrato em Coney Island.

Pouco depois, passava para um cabaret. E estava lançada a sorte. Mais tarde, encontrou Lou Clayton e Eddie Jackson e com êles formou o célebre trio Durante-Clayton e Jackson que tomou parte, com um êxito inexcédível, em várias revistas. Os três apareceram, pela primeira vez, em *Roadhouse Nights*. E o que acima de tudo os espectadores distinguiram foi o *humour* de Jimmy, aquela espécie de folia burles-

Estamo-nos reportando a 1900, data em que se desenrolaram os acontecimentos cuja crônica pretendemos desrever. O pai de Jimmy era barbeiro e o miúdo não passava o dia inteiro a «reinar» com os gaiatos da sua idade. Grande parte do dia, quedava-se na loja atorna, a olhar embaçado os «mes-re-escamas» na sua faina! Vêr fazer a barba a alguém era, para êle, o mais fascinante dos espectáculos... É possível que aguardasse tranquilamente o instante em que adiante da navalha fosse algum pedaço da orelha da vítima desconhecida. O certo é que a história nos não diz senão que o pai se ria doído para correr com o filho dali.

Quando o pretendia «enxotar», Jimmy multiplicava-se para justificar a sua permanência. E trazia então à baila uma catadupa de histórias, uma série infindável de anedotas, imitava fre-





Fritz Lang com Silvia Sidney, a protagonista do filme «Mob Rule», que o famoso realizador de «Metropolis» está dirigindo para o M. G. M.

À MARGEM DO CINEMA

Assuntos velhos ou argumentos novos?

A resposta não é fácil. Responder, de pronto, sem considerar prós e contras, só porque, à primeira vista, qualquer das soluções nos pareceu melhor, é, pelo menos, pouco razoável.

Assim, parece-nos preferível verificar quais das razões observadas são mais convincentes, e não solucionar o assunto por número de pontos, — como se faz nos desafios de foot-ball, mas por número de deduções, o que nos parece, evidentemente, mais racional.

Até hoje, no nosso Cinema, têm-se expiorado, quasi que exclusivamente, os argumentos velhos. Razões ponderáveis, de ordem comercial, têm levado a tal os nossos realizadores. Mas, — preguntamos, não existirão, além dessa parte material, outros motivos, como, por exemplo, a falta de «cenaristas», que obrigue os realizadores a optar, seguramente, pelo mais certo? É evidente que, quando é realizada em cinema uma obra já apresentada no teatro, o argumento perde em interesse, mas cria, para o público, a curiosidade da comparação a estabelecer. Os primeiros fil-

mes realizados no nosso país, bons ou maus interessaram, vivamente, o público, sem que os respectivos «cenários» oferecessem, às plateias, qualquer novidade. Muito pelo contrário os nomes, já feitos, das obras apresentadas, contribuíram, e muito, para o interesse criado à volta delas, e para o êxito comercial obtido.

É não é pretender ser profeta, afirmar que, para a propaganda publicitária dessas películas, o título contribuiu como primordial factor.

Porém, é impossível profetizar se o êxito artístico teria sido menor, se, em vez de assuntos estafados e gastos, tivessem sido apresentados argumentos novos, que, a esta qualidade aliassem outra, — que refutam indispensável: — *ter interesse*.

Num país onde se não podem realizar filmes que incluam grandes massas coreográficas; numa terra onde não existem artistas de cinema, com um nome que por si só, constitua *cartaz*, o argumento tem de ser, absolutamente, colocado no primeiro plano.

Primeiro, é preciso que o público se

interesse pelo que vai ver. É possível que depois ache que a acção poderia ter decorrido com mais dinamismo, que a interpretação prejudicou quasi todas as cenas, que a realização foi deficiente. Mas que, — ao menos, diga: — Que belo filme, seria — bem realizado e bem interpretado!...

E o filme *passa*. Não sucede o mesmo se o argumento *fôr*, em absoluto, mau. E, nesse caso, por muito que o valorize a interpretação, por muito que o realizador se esforce, o filme tem de ser positivamente, uma calástrofe.

Estamos-nos referindo, claro, ao nosso meio, onde, como já dissemos, não há um artista de cinema (reparem que sublinhamos...) capaz de, por si só, fazer esquecer os defeitos dum filme...

Na produção estrangeira, o caso é diferente. Há filmes que, sem favor, se podem classificar de péssimos. Argumento destrambelhado e o mais longe possível da sensibilidade das nossas plateias. Realização inferior. Raio de acção desinteressante. Mas têm a Greta no principal papel. Mas a Joan Crawford faz, nêles, umas das suas magistrais cenas de amor. Mas o galã é o Gable ou tem o Charles Boyer a *criar* o principal papel, a elevá-lo à altura invulgar das suas magistrais interpretações.

No nosso cinema, o caminho é outro. Há que aproveitar os mais pequenos elementos de êxito, os menores pormenores, tão necessários, por vezes, à criação dum sucesso.

Para isso, para *ir pela certa*, é, evi-

dentemente, mais prudente continuarmos realizando filmes sobre assuntos velhos.

Mas os que prelidem que o Cinema Português *alargue o passo* e se aproxime, quanto possível, do cinema estrangeiro, começam a sonhar com filmes novos, *completamente novos*, desde o argumento até aos artistas, que gostariam de ver aparecer de repente, sem necessidade de recorrer ao Teatro...

A experiência, porém, não tem dado resultados animadores, sabido como que os nossos artistas de teatro têm sido a garantia de muitas interpretações cinematográficas. E, assim, os entusiastas por *coisas novas*, vêem-se forçados a transigir, e limitam-se a desejar *argumentos novos*, mesmo que seja com artistas já conhecidos...

Vamos ter, em breve, filmes nessas condições. Será, a nosso ver, a ocasião de tirar a prova real...

O que nos parece é que, dado o caso de que vamos enveredar, abertamente, pelos argumentos novos, escritos especialmente para o Cinema, êles devem ser entregues a escritores que reúnam condições que os possam indicar como «cenaristas» interessantes, e não a serem feitos por pessoas que queiram *lentar o género*, pondo em perigo o capital e o bom nome do nosso Cinema, infelizmente já tão maltratado, apesar da sua pouca idade...

A pergunta aí fica: — Assuntos velhos ou argumentos novos?

A. N.



Irving Thalberg, realizador de «Mutiny on the Bounty» recebe o prémio que lhe foi conferido pelo Academia de Arte e Ciências de Hollywood ao seu filme, hoje célebre. A seu lado, Vitor Mac Laglen, que conquistou idêntico troféu, com o seu actuação no «Denunciante».

NÃO fallavam pretendentes à bela e riquíssima Marcia Townsend. (Joan Crawford). A sua fortuna, a sua maravilhosa beleza, Marcia jenuava ainda o encanto duma inteligência lúcida, e duma alegria saudável de rapariga feliz.

Porque diabo se foi ela prender por Sherry Warren (Robert Montgomery), esse carrasco de corações, esse D. Juan delicioso, inconscientemente cruel, que colecionava conquistas pela força do hábito, sem se apaixonar uma vez, sequer? A sua graça impertinente, a sua audácia, a sua risonha simpatia, salvaram-no sempre das mais embaraçosas situações. Conquistar um homem assim — eis o que mais podia seduzir uma rapariga da força de Marcia.

A avó Townsend, confidente da neta e do próprio Sherry não tinha coragem sequer para censurar Marcia. Fanny, como lhe chamava o gente nova, era indulgente ao máximo com o garoto do Sherry. E se por um lado, gostava de ver a neta casada por amor, não podia, por outro lado, habituar-se à ideia de ver Sherry preso, fôsse porque mulher fosse!

Sherry, esse não se importava nada com o caso!

Apregoa aos quatro ventos que não queria saber do casamento. De resto, tinha certa razão, porque mulher de quem êle gostasse, caia-lhe nos braços sem hesitar.

Certas aventuras, particularmente escandalosas, haviam-lhe trazido as mais variadas emoções. Jim Salston (Franchot Tone), por exemplo, chegou a querer matá-lo, por o ter surpreendido com Diana, a sua terrível mulher.

O casamento ia obrigar o nosso herói a renunciar a todos os encantadores imprevistos do celibato.

Mas se sobre Sherry haviam recaído os ódios dos maridos atraçoados, não é menos verdade que o mais tenaz e o mais cordeal dos seus inimigos era seu primo Edgard (Charlie Ruggles), a quem êle, por hábito, costumava roubar tôdas as rapariguinhas tolas de que se fazia acompanhar.

E assim vivia.

Quando se cançava de não fazer nada, ou quando as suas últimas amantes o



aborreciam — Sherry corria a casa de miss Townsend e levava Marcia para os cabarés mais ruidosos e mais alegres. Amava Marcia com uma ternura particular, queria-lhe como se ela fôsse apenas uma camarada, adorava-a e respeitava-a. Maravilhava-o que um rapariga tão moderna e alegre pudesse ter tão bom senso! E nem percebia sequer que Marcia, muito embora escondesse, começava já a sentir-se «tocada» seriamente. E escondia avaramente o seu amor — certo de que êle incapaz seria de o corresponder.

* * *

Certa tarde, quando Sherry a foi buscar para o curar duma desilusão de amor, Jim Salston leu no olhar de Marcia uma angústia silenciosa e recondita. Jim, muito embora se sentisse aliviado com a partida de Diana, não perdoara a Sherry que lha houvesse roubado. E indignava-se ao lembrar-se de que a linda Marcia iria ser mais uma vítima daquele sedutor egoísta.

— Miss Townsend, o seu aspecto não é bom! Inquieta-me! agradeceu êle. Deixei-me ver o pulso! Hum! É mal do coração. Diaho! Já vi alguém atacado da mesma doença! Porque será tôdas as mulheres sofrem de idêntico mal, quando lhes aparece pela frente esse tolo egoísta do Sherry Warren! É parvo, visio e cruel.

— Será!... Mas tudo isso o torna irresistível — respondeu Marcia em tom de desafio!

Quanto mais o via ameaçado pelos seus rivais, mais gostava dele! Edgard queria bater-lhe. Como não podia, imaginara um pretexto para o fazer «soar» por Duffy, um «boxeur» elegante. Mas tudo lhe saiu ao contrário. Duffy descobriu em Warren, um amigo de outros tempos e apertou-lhe as mãos com entusiasmo.

A música tocava sem cessar. Sherry dançava com tôdas, excepto com Marcia que, para se vingar, «fêz-se» com Duffy, a quem pôs a cabeça à roda. Para coroar a obra, foi dar um passeio com êle, no próprio carro de Sherry.

* * *

Edgard rejubilou, quando soube da nova! Foi anunciá-la ao «querido» primo. Sherry fingiu rir-se. No fundo não achou graça nenhuma. E constatou, atônito, que Marcia começava a interessá-lo demais. Não era livre, porventura?!... Sim!... Concluiu... Não a queria ver assim.

Ansioso por saber como a aventura findara, foi ter com Fanny e confiou-lhe os motivos do seu mau humor. Fanny ouviu-o, com atenção e certo dó...

— Toma cuidado rapaz... O mar está bravo, em redor do teu barco. Procura fazer a manobra com habilidade... Estou a ver que estás à beirinha do naufrágio — do casamento.

Sabes nadar, ao menos?



BASTA DE MULHERES



Mae Robson, o neto e o seu filho

mesmo, para longe, confessou êle com um suspiro involuntário.

Marcia quis abreviar a viagem de núpcias. E resolveu-aug que pagas as despesas, Sherry iria ter com ela à estação.

* * *

Num «bar», Sherry encontrou-se com Edgar, que se fazia acompanhar de Theresa Germain, cantora de «café-concerto», e que arrastava consigo o pobre primo, de praça em praça, à merce dos concertos e das «tournées».

—Que ótima surpresa, agradeço Edgar. Mas onde deixaste tua mulher?

—Ela à minha espera, na estação. Vamos no combóio das cinco.

—Ainda bem! Senão eras capaz de me empurrar a pequena...

—Isso era antes, meu velho! agora estou emendado. Sou incapaz de tais proezas.

—Bravo, clamou Edgard com veemência!

Theresa, que se havia afastado, estava doctina por enganar Edgard com o seu adorável parem. «Azia-se» com ele descaradamente e tão bem andou, que combinaram um «rendez-vous» para essa noite.

Edgar, não a encontrou! E correu, com o rover, o cao, a «gare», onde encontraria Sherry, que lhe devia saber dar notícias da cantora, visto ter sido a única pessoa que, no «bar» estivera a seu lado.

O combóio partiu, porém, sem Warren, e Marcia não escouteu a sua arria, quando Edgard, curioso, subiu para o mesmo compartimento e se deu por convidado para um «week-end», no último sumpuoso que aguardava os noivos.

Logo que chegou a casa, o telefone retiniu:

—Marcia, estou desolado por te ter feito esperar. Mas encontrou o Edgard de tal forma bebado que o tive que levar a casa. Perdooas-me, amor?

Marcia com lagrimas na garganta desculpou-se. Não tinha entendido, o Sherry! Não esperou sequer o fim da viagem de núpcias para a enganar. Ponto mto na felicidade dos primeiros dias. Que cruel decepção!

Marcia, nesse dia, não dormiu. E a compassiva rainha teve que passar a noite a consolá-la.

* * *

No dia seguinte, Sherry voltou. Mostrou-se envergonhado, pesaroso, a sabedor do insucesso das mentiras. E recitou o disco de todos os miteis:

—Marcia. Não posso viver sem ti... A aventura de ontem, não marcou. Só gosto de ti—sabes bem.

Gostas de mim—e não te importas de me dares desgostos, que eu sofra, e queeres talvez que o meu amor-próprio se habitue a semelhantes trações. Serás capaz de me dizer que não me enganaste?

—É escusado haver mentiras entre nós, Marcia! Mas não elames traições a um passo que não vale nada...

Uma hofetada cortou-lhe o discurso. Marcia, arrependida de se ter excedido, pediu-lhe desculpa.

E depressa aprendeu alegria:

—Como a presença de Edgar nos privo de passar este «week-end» em doce «tele-à-tele», lembrei-me de convidar alguns amigos...

E explicou-se, com o pretexto de dar algumas ordens, desejosa de fugir dêsse homem que se envergonhava de amar.

* * *

À noite, Warren teve a desagradável surpresa de ver entrar pela porta o seu inimigo Jim Salston, com o seu eterno ar sarcástico. Este, surpreendido com o convite, esperava apenas o ensejo de se vingar de Sherry. Porque não lamentava Diana, agora casada com lord Knowleton, nutria um ódio profundo a Warren, o ódio do homem enganado, que espera apenas a vingança.

Enquanto se entrelinhavam em diálogos agri-doços, os antigos rivais viram aparecer lady Diana Knowleton e seu marido, que figuravam no número dos convidados. A impetuosa Diana parecia

a única pessoa eucanlada com a reinião.

Saltou ao pescoço de seu ex-marido, depois ao de Warren e beijou-os com identico entusiasmo.

—Bon dia, Chuchu! Bon dia Lulu! Como estou contente de encontrar os meus melhores amigos. Deixem-me apresentar-lhe Dudu.

Marcia sorria. Sherry estava amuado e achava Diana ridicula com a sua falsa graciosidade e os seus dimiuuítos em série.

O criado anunciou a outra convidada: Miss Theresa Germain, que ficou absolutamente desnorleada na presença da tao sedutora mistress Warren, cuja existencia ignorava em absoluto.

Sherry que interogara a mulher. Mas esta explicou-lhe serenamente.

—Querias ver ao pé de mulheres que te interessassem. Uma vez que retomaste as tuas «experiências» de celibatário, resolvei fazer o mesmo. Como ves fui eu que comeci.

* * *

Nodecorrer da festa, Warren, exasperado, teve eusejo de verricar, azeas de vezes, a superioridade de Marcia sobre as outras mulheres, que ela observava com infinita curiosidade. Mas a attitude de Salston e de Marcia levou ao paroxismo os ciúmes de Sherry. Desahido de Warren a uma mesa de «bridge», Jim e Marcia passeavam no parque e faziam confidências. Jim ousara ele fazer uma declaração em forma a mrs. Warren, que escutava-o divertida.

Sherry perdeu a paciencia—e correu para êles!

—Salston! Estou ansioso por te parlar a cara.

—E da praxe, nestes casos! Eu cheguei a comprar um revólver para te matar, quando soube que eras o amante de Diana...

—Talvez o possa comprar!

—Vendi-o, e perdi um dólar.

—Toma lá o dótar e vai-te embora.

Mas Jim resistiu! Era convidado de mrs. Warren e não se iria embora com duas razões!

* * *

Marcia, no fim da noite, resolveu ir dar um passeio no carro do Jim. E não voltou nessa noite. Foi um escândalo tremendo. Os convidados segredavam baixo, os criados diziam coisas. A palavra «divórcio» era o «leit-motiv» de todas as conversas. Por muita «ata» que tivesse, Sherry era impotente para disfarçar o seu nervosismo. Pela primeira vez, uma mulher enganava-o, ostensivamente! E que mulher, santo Deus! A sua! Não podia suporlar semelhante afronta. Divorear-se-ia! E tratou de ir arranjar as malas.

Foi então que Marcia apareceu acompanhada de Jim. O sorriso triunfante deste acabou por gelar o infornado marido.

—Marcia, vou-me embora. O meu advogado te dará notícias. Antes de me deixares, podes, porém, ser tao franca comigo como foi ontem contigo... e dizer-me o que se passou ontem.

—Não vale a pena explicar. Retomei a minha liberdade, pelo mesmo motivo que tu retomaste a tua.

E foi-se fechar no seu quarto. Sherry seguiu-a:

—Marcia! Preciso de saber! És a única que amo, a que conta a meus olhos! Não te quero perder.

Marcia, estupefacta, louca de felicidade, viu que seu marido chorava. Sofrera: então como ela?! Abraçou-o, Apeitou-o de encontro ao peito, feliz por constatar o resultado da severa lição.

—Tolo! Não houve nada entre nós! Sou apenas uma mulher que adora até à loucura o infernal Sherry Warren, e proibida, portanto, de tomar uma vingança, co omtu merccias.

—Mas, então... o Jim!

—O Jim?!... E Marcia riu a perder. Ninguém soube o que ela contou ao ouvido do marido. Sabe-se apenas que os dois desataram a rir, como doidos, e que se abraçaram com a convicção que é filha das experiências concludentes.

JACQUES FILLIER

ONDULAÇÃO PERMANENTE, sem fios e sem electricidade. — Processos modernos de muito maior comodidade. Técnicos especializadas.

Academia Científica de Beleza

Avenida da Liberdade, 36

TELEFONE 2 1866

LISBOA

AS NOSSAS CAPAS

Na primeira capa, Bárbara Peper, uma nova «vamp» do cinema americano.

Na segunda capa, Warren William e Claudette Colbert, no filme *Espelho da Vida*, que vamos ver brevemente no Palácio e Odéon.

Stadium

A melhor revista da especialidade que se publica em Portugal

informa todos as quartas-feiras os seus numerosos leitores de todo o movimento desportivo do País

Tem 16 páginas cheias de óptimas e flagrantes gravuras por 1 escudo

As composições gráficas das páginas desta revista são de RAUL FARIA DA FONSECA

f é m i n a

A grande revista feminina portuguesa

Apresenta todas as sextas-feiras as mais recentes modelos de vestidos e de chapéus, tratando sempre de todos assuntos que interessam às Senhoras

Á VENDA EM TODO O PAÍS

24 páginas com muitas gravuras a cores—Capa a cores

Esc. 1850

CINE-JORNAL

GRANDE SEMANÁRIO CINEMATOGRAFICO

Director: FERNANDO FRAGOSO

Editor: ALVARO MENDES SIMÕES

Propriedade da Sociedade de Revistas Gráficas, Lda

Redacção e Administração: T. da Condesa do Rio, 27

Telefone 2 1361 e 2 1127

Comp. Imprensa e gravuras BERTRAND (irmãos), Lda

Trav. da Condesa do Rio 27—Lisboa

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

PORTUGAL

52 números 1 ano 48500

25 " 6 meses 24500

12 " 3 meses 12500

Estrangeiro e Colónias, 52 num. 1 ano 65500

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

A senhora de hoje não pode dispensar o aptofone, porque só êle a põe em comunicação constante com seu marido, com as suas relações, com a sua modista, o seu cabeleireiro, os seus fornecedores, etc.

Desloca o aptofone da sua salinha para o seu «boudoir», ou para outra qualquer dependência com a maior facilidade.



O aptofone tem uma linha elegante que se adapta a todos os estilos, a tôdas as côres ambientes, porque o aptofone será branco, rosa, azul, conforme a côr da vossa fantasia.

The Anglo Portuguese Telephone, C.º

Rua Nova da Trindade

LISBOA

No "chá das 5"

não é de bom tom oferecer-se qualquer chá, quando a pessoa que convidamos tem a graça e a distinção de Simone Simon!

Dêve preferir-se

Chá LI-CUNGO

porque é

O MELHOR

Pedidos à

Companhia da Zambézia

Rua do Alecrim — LISBOA |



- 1.º Uma só aplicação e agüenta-se todo o dia.
- 2.º Suprime completamente o luzidio.
- 3.º Dá um aspecto «mate» e avejulado e uma beleza natural. Não forma placas.
- 4.º Resiste ao vento, à chuva e à transpiração.
- 5.º Fecha os poros dilatados. — Não seca a pele.

Pelas quais
**O VOSSO
Pó de Arroz**
deveria conter

"Mousse de Crème"

Esta ideia nova e surpreendente é aplicada ao Pó Tokalon, no qual a «mousse de crème» está cientificamente misturada com um pó fino e subtilizado. Dum avejulado delicioso, refresca e estimula os tecidos cansados, tonifica a pele e dá ao rosto mais feio um as-

pecto «mate» duma maravilhosa beleza.

O Pó Tokalon é o único verdadeiro pó de arroz com «mousse de crème». Uma só aplicação dura quatro vezes mais que a doutro pó ordinário.

A venda em todos os bons estabelecimentos.

GRATIS — Por combinação especial com os representantes, tôda a leitora desta revista, pode obter, êste mês, um novo Coffret de Beleza de Luxo contendo uma caixa de Pó Tokalon, pó de arroz de «mousse de crème», (indicar a côr desejada), amostras das 4 côres de pó em voga, para ensaiá-las no rosto, assim como um tubo de Creme Tokalon, Biocel, Alimento para a Pele, Côr de Rosa, a usar de noite antes do deitar, e um outro tubo de Creme Tokalon, Côr Branco, não gorduroso) para o dia. Enviar quatro escudos em sêlos para gastos de alfândega, porte e registro (o coffret é grátis), directamente para o Depósito Tokalon de Lisboa (Secção G. J.) — Rua da Assunção, 88 — que atende na volta do correio.

É conveniente não demorar porque a quantidade de Coffrets disponíveis é limitada.

CINE-JORNAL

ANO 1.º — N.º 29 — 4 DE MAIO DE 1936 — SAI TODAS AS SEGUNDAS-FEIRAS — 16 PÁGINAS — PREÇO 1\$00



Warren William
Claudette Colbert

«CINE-JORNAL» É A MELHOR REVISTA PORTUGUESA DE CINEMA